

Ler para entender

Nestes textos você verá uma abordagem interessante sobre o conceito de eficiência, por Gilberto Dimenstein, e aspectos da pontuação e de alguns elementos textuais feitos pelo prof. Pasquale Cipro Neto.

Está mudando o conceito de trabalhador eficiente

Gilberto DIMENSTEIN

Funcionário que leva serviço para casa, inclusive nos finais de semana, deveria ser premiado pela eficiência. Óbvio, certo? Pesquisas feitas por faculdades de administração nos EUA sobre a maneira como as empresas organizam o tempo mostram que a resposta não é tão óbvia - aliás, quem respondeu positivamente corre um grande risco de estar errado.

O padrão de funcionário exemplar, admirado pelos chefes e invejado pelos pares, revela dedicação e fidelidade, mas não necessariamente eficiência. As entrevistas detectaram que muitas vezes esse empregado modelar está usando, consciente ou inconscientemente, um truque atrás de promoção. Por trás da imagem do incansável funcionário está uma ilusão: trabalhar bem seria trabalhar muitas horas. Para não serem considerados preguiçosos, os colegas o imitam e também alargam o expediente.

Claro que certas profissões, como jornalistas ou médicos, têm mais dificuldade de planejar o horário, já que vivem de imprevistos. Mas, no geral, o que antes era tido como inquestionável qualidade, hoje já merece a desconfiança de ser desorganização, desperdício e, pior, estupidez. É um dos sinais de que o conceito de eficiência está mudando - e com ele a própria idéia de trabalhador do futuro.

Essas pesquisas que desafiam o senso comum se encaixam num ambiente em que criatividade, flexibilidade e até intuição são mais e mais valorizadas. Daí o crescente respeito à tese de que trabalhar menos significa produzir mais, evitando o desgaste humano. Graças ao fato de que aumenta o número de pessoas que, ajudadas pelos avanços dos meios de comunicação, fizeram de suas casas extensão de seus escritórios, constatou-se como é possível economizar tempo. Sem a pressão dos colegas, em casa não interessa quantas horas foram usadas, mas se a tarefa foi concluída. Na média, gasta-se menos tempo. O fato mais importante, porém, tem mais a ver com a atitude diante da vida do que propriamente com o trabalho.

Uma das importantes tendências americanas é a revolta contra a falta de tempo para o lazer e a família. É um movimento tão forte que, segundo os departamentos de recursos humanos de corporações como General Motors, IEM, Citibank ou Coca-Cola, deixou de ser exceção o trabalhador trocar dinheiro por mais tempo livre. E tornou-se uma tendência, em particular

entre as mulheres, não aceitar promoções se o preço for ficar longe dos filhos.

Em poucas palavras: vencer na profissão a qualquer custo, sacrificando família e mesmo a saúde, é hoje questionado não pelos alternativos do estilo *hippie*, mas pela classe média conservadora. É um movimento curioso, porque nascido na terra da produtividade, onde ganham ares de verdades absolutas idéias de qualquer guru que ensine como tirar mais dinheiro do funcionário.

A tendência é medida pelos levantamentos de opinião, que revelam que aumentou a prioridade ao lazer. No começo da década de 80, de cada dez americanos, dois consideravam que a sociedade valorizava em demasia o trabalho. O Instituto Gallup detecta agora que metade dos americanos se incomoda com a pouca ênfase no lazer. Há, no fundo, uma decepção com as empresas. Por conta da reengenharia - uma idiotice que ainda faz sucesso no Brasil -, fizeram-se cortes em massa, que quebraram antigas fidelidades e agora muitas vezes são vistos como desnecessários.

A família, a igreja, os amigos ocuparam esse espaço. A revista *Psicologia Hoje* informa que os desejos dos americanos são, pela ordem, desfrutar a companhia dos amigos, ir bem no casamento e ter saúde. Só depois aparecem dinheiro e sucesso. Para quem não perdeu toda a confiança no bom-senso da espécie humana, é um bom sinal.

Algumas observações gramaticais

Prof. PASQUALE

Vejamos uma questão (presente no terceiro parágrafo do texto): Claro que certas profissões, como jornalistas ou médicos, têm mais dificuldade de planejar o horário, já que vivem de imprevistos. Quem tem mais dificuldade de **planejar o horário**? As profissões ou os profissionais? É evidente a impropriedade no emprego de **profissões** no trecho destacado no início do terceiro parágrafo ao lado. São os profissionais (não as profissões) que têm essa dificuldade. Portanto: *Claro que certos profissionais, como jornalistas ou médicos, têm mais dificuldade de planejar o horário, já que vivem de imprevistos.*

Por falar em dificuldade, ela é **de**, em ou **para** planejar o horário (*têm mais dificuldade de planejar o horário*)? As três são possíveis. Pode-se dizer *dificuldade para planejar*, *dificuldade em planejar* ou *dificuldade de planejar*.

É bom lembrar que *dificuldade* é substantivo (abstrato), ou seja, é nome. Se você precisar resolver dúvidas relativas ao emprego de preposições com nomes, deve recorrer a um **dicionário de regência nominal**.

Qual é o sujeito da forma verbal **merece** (em "... *hoje já merece a desconfiança de ser desorganização...*")? Só pode ser a **pessoa** ou a **coisa** que merece a **desconfiança de ser desorganização**. E quem ou o que é merecedor dessa desconfiança? Releia o segundo período do terceiro parágrafo ao lado. Só pode ser **o que antes era tido como inquestionável qualidade**. Esse é o **sujeito** de *merece*.

O que faz, então, a aparentemente inofensiva **vírgula** que vem depois de **qualidade**? Simplesmente separa o **sujeito** de seu **predicado**, o que é um dos "pecados" mais comuns em se tratando de pontuação. Não há essa vírgula!

É sempre bom lembrar que a vírgula só pode ser empregada a partir de critérios sintáticos ou estilísticos. Qualquer outro argumento (necessidade de uma paradinha, pausa para respirar etc.) é descabido.

Um dos princípios fundamentais é jamais separar por vírgula termos contíguos (ou seja, postos lado a lado) que tenham relação sintática direta, como verbo e objeto, sujeito e predicado, predicado e sujeito, nome e complemento nominal etc.

Vamos traduzir. Na oração *Ela lerá os poemas*, quantas vírgulas você poria? **Nenhuma**, é claro. Depois de *ela*, a vírgula separaria o **sujeito** (*ela*) do **predicado** (*lerá os poemas*); depois de *lerá*, separaria o **verbo** (*lerá*) de seu **complemento** (*os poemas*). Note que o problema não se resolve pelo tamanho. *Ela* é tão sujeito de *lerá* quanto *o que antes era tido como inquestionável qualidade* é de *merece*. Sujeito e predicado não se separam por vírgula, independentemente do tamanho de cada termo.

E por quê? Porque, com a vírgula, o sujeito pode transformar-se em **vocativo**. Compare a frase "*Brasil acorda!*" com "*Brasil, acorda!*". Percebeu? Na primeira, afirma-se que o Brasil acorda; na segunda, pede-se a ele que acorde.

E não seria *Brasil, acorde*? Poderia ser. Lembre-se de que *acorde* é imperativo da terceira pessoa do singular (você, senhor, senhora etc.); *acorda* é da segunda pessoa do singular (tu).

Por que **esse espaço**, e não **este espaço**? Porque se fosse **este**, a referência seria feita

ao próprio texto. O espaço seria o texto em si. Com o pronome **esse**, faz-se referência a um espaço já mencionado no texto. Na verdade, no texto nem se menciona explicitamente a palavra **espaço**. Empregado figurativamente e como elemento de coesão, esse termo se refere àquilo que as empresas representavam para os americanos.

Fonte: DIMENSTEIN, Gilberto, NETO, Pasquale Cipro. *O Brasil na ponta da língua*, Editora Ática, São Paulo.